

O BASILETO CRIOULO DAS ILHAS DE CABO VERDE NO ROMANCE *ODJU D'AGU* DE MANUEL VEIGA

Natalia CZOPEK¹

RESUMO

O objetivo principal do nosso trabalho é propor uma descrição dos traços morfossintáticos e ortográficos de uma das variedades do crioulo *kabuverdianu* característica da ilha de Santiago. O corpus de exemplos será fornecido pelo romance *Odju d'Agu* de Manuel Veiga, um texto literário que acrescentará ao nosso estudo uma marcação tipológica e estilística necessariamente especial. Na nossa análise, concentrar-nos-emos na descrição das tentativas de uniformização ortográfica do crioulo que, por sua natureza, é uma língua oral. Apresentaremos as vantagens e as desvantagens de três alfabetos propostos para transformar a oralidade na escrita. Além disso, dentro do enquadramento teórico da morfossintaxe de línguas em contacto, concentrar-nos-emos, entre outros, nos processos de expressão das relações de TMA (tempo-modo-aspeto), no sistema dos pronomes e na ordem dos elementos, na concordância entre diferentes partes da oração e na introdução da negação. Pretendemos sistematizar os fenómenos mais relevantes para a morfossintaxe e a ortografia crioula confirmando as teses do próprio autor sobre a existência de regras gramaticais bem definidas.

PALAVRAS-CHAVE: crioulo; Cabo Verde; morfossintaxe; línguas em contacto; ortografia

O objetivo principal do nosso trabalho é propor uma descrição dos traços morfossintáticos e ortográficos de uma das variedades do crioulo *kabuverdianu*, realçando os vestígios deixados pela língua portuguesa como resultado de migrações e mestiçagem entre diferentes povos. O corpus de exemplos será fornecido pelo romance *Odju d'Agu* de Manuel Veiga (2009), nascido na ilha de Santiago, Cabo Verde. Partindo de um corpus literário, o estudo terá uma marcação tipológica e estilística necessariamente especial. Na nossa análise, dentro do enquadramento teórico da morfossintaxe de línguas em contacto, concentrar-nos-emos sobretudo nos processos de expressão das relações de TMA (tempo-modo-aspeto), na ordem dos elementos, na concordância entre diferentes partes da oração e na introdução da negação. Pretendemos observar e sistematizar os fenómenos mais relevantes para a morfossintaxe crioula, acrescentando alguns comentários imprescindíveis sobre a sua uniformização ortográfica e confirmando as teses do próprio autor sobre a existência de regras gramaticais bem definidas. O nosso estudo, que não pretende de nenhuma forma ser

¹ UJ, Instituto de Filologia Românica, Departamento de Filologia Portuguesa e Estudos de Tradução, al. Mickiewicza 9A (sala 217), 31-120 Kraków, Polónia, morenat@gmail.com.

exaustivo, pode constituir um ponto de partida para uma investigação mais pormenorizada.

1. O autor e a sua obra. A importância da tradição oral

Manuel Veiga, um dos mais destacados linguistas cabo-verdianos, é autor de vários textos de carácter científico como, por exemplo, *O estudo e a prática do crioulo* (comunicação apresentada no colóquio de Mindelo de 1979), *Breves considerações sobre a escrita do crioulo* (Revista *África*, n.º 6) ou *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu* (publicado em 1982, em crioulo registado com o alfabeto fonológico do Mindelo). Na área de ficção, destaca a sua obra *Odju d'Agu* (a primeira edição em 1987), o primeiro romance editado em crioulo, que segue o modelo do conto africano tal como existe ainda na tradição oral da ilha de Santiago (Alamda Duarte, 2003:169). No livro entrelaçam-se as diversas etapas da vivência do autor no campo, na cidade, na mãe-pátria, no estrangeiro, na vida real e virtual. O romance foi escrito como expressão de um desafio lançado à sua própria língua, usada por uma sociedade culturalmente híbrida.

O fator linguístico e a evocação à oralidade são as duas razões principais pelas quais a obra analisada é, aos nossos olhos, muito importante para a literatura cabo-verdiana. A tradição oral costuma ser considerada a fonte primordial e o cofre da história e sabedoria dos povos africanos.² A herança oral, guardada e transmitida por mestres da palavra, os chamados *griots*³, e a literatura africana eram tratadas como “continuidade” já pelo grande representante da Negritude, Leopold Senghor.⁴ Para manter o carácter original da mensagem, é bastante importante que esta se transmita na

2 Cf. Postioma (1968): “A palavra no meio africano goza de uma tarefa privilegiada; a palavra que foi pronunciada e produzida pelos antepassados encontra-se hoje como norma doutrinal e moral; ela continua ainda a operar, a instruir, a exortar e a guiar. Em África não falam somente os sábios e os poetas; todos gostam de falar. [...] A palavra é vida, é a expressão da alma, do ser mais profundo, do íntimo do coração. Um homem que não fala é doente ou falecido; falar é mostrar aos outros a própria vida: ‘Eu falo logo existo’. [...] A palavra africana é poderosa, dinâmica, porque é um símbolo que permite a uma força entrar em contacto com outro ser”.

3 O *griot* é um especialista escolhido ou por linhagem, ou por profissão, e só ele detém o conhecimento dos textos mais longos e especiais, como a epopeia, as genealogias ou a crónica histórica (Leite, 1998: 14-39). O seu papel principal é não deixar que toda a bagagem cultural e histórica da tradição oral africana caia em esquecimento e transmiti-la às gerações posteriores.

4 Vejam-se, por exemplo, as considerações de Leopold Senghor acerca da poesia: “Le Nègre singulièrement, qui est d’un monde où la parole se fait spontanément rythme dès que l’homme est ému, rendu à lui même à son authenticité. Oui la parole se fait poème [...]” (Leite, 1998: 14-39).

língua nacional do povo que sem ser apenas um meio de comunicação, “encerra uma carga eminentemente cultural, afetiva, visto que exprime uma determinada visão do mundo [...] que se insere na prática social de cada povo. [...] Numa situação de bilinguismo, mesmo total, a utilização de uma língua ou de outra não se efetua de forma arbitrária” (Almada Duarte, 2003:22, 128-129)⁵ e o crioulo cabo-verdiano, apesar de 90% do seu atual léxico ser de origem portuguesa, é um sistema autónomo capaz de satisfazer as necessidades comunicativas dos seus utilizadores.

2. O *kabuverdianu* e as suas variedades. Definição de basileto

Entre os sistemas linguísticos das ilhas de Cabo Verde podem observar-se algumas divergências que fazem com que o crioulo cabo-verdiano não seja tratado sempre como um sistema único mas também como duas grandes variantes para cada grupo de ilhas, as do Barlavento e as do Sotavento⁶, ou um conjunto de muitos sistemas independentes. Distinguem-se três razões principais desta situação:

1. Fatores cronológico-geográficos: o povoamento das ilhas realizou-se em épocas diferentes, sendo a ilha de Santiago primeira a receber colonos, provavelmente em 1462. As comunidades do Barlavento e do Sotavento ficaram isoladas durante muito tempo.

5 Durante a luta de libertação, por exemplo, o crioulo foi, pode-se dizer, a língua da luta.

6 A variante do Sotavento formou-se, após o primeiro povoamento, dos elementos do português dos séculos XV/XVI e das línguas africanas faladas pelos primeiros escravos nas ilhas de Santiago e, poucos anos depois, nas do Fogo, da Brava e do Maio e a do Barlavento (conhecida como a variante do Mindelo) começou a formar-se só a partir dos finais do século XVIII, na ilha de São Vicente, com forte influência do português europeu, como resultado da confluência do crioulo basileto de Santiago, e foi levada posteriormente às ilhas de Santo Antão, São Nicolau e Boavista. Há quem constata que o sistema de São Nicolau constitui uma interseção entre as variantes do Sotavento e do Barlavento (Delgado, 2009:149). A estabilização da variante do Barlavento deu-se a partir da estabilização da variante do Mindelo, em 1875 (Delgado, 2009: 104, 137). Dulce Almada Duarte (2003) defende que, apesar da variação dialetal, o crioulo é uma língua com unidade suficiente para que haja comunicação entre os falantes das diferentes ilhas e Manuel Veiga (2000a) constata que “[...] a nível de estrutura profunda, existe um único crioulo, razão por que há uma intercompreensão razoável desde as ilhas mais ao Norte (Barlavento) até às ilhas mais ao Sul (Sotavento). [...] não se pode falar de nove crioulos em Cabo Verde, mas sim de um único código que se atualiza, na estrutura de superfície, em diversos dialetos”. Só se falaria de vários crioulos no país se não se verificasse a intercompreensão entre os falantes dessa região. A base da formação é um crioulo basileto dos séculos XV/XVI, do qual nasceram as diferentes variações regionais (Delgado, 2009: 140-141). Portanto, pode-se admitir a existência das duas grandes variantes e seus respetivos dialetos insulares, sendo todos os sistemas intercompreensíveis.

2. Fatores sociolinguísticos: o crioulo cabo-verdiano formou-se no contexto multilingue de interferências entre as línguas trazidas pelos escravos e os dialetos trazidos pelos colonos a um território desabitado.⁷
3. Fatores sociolinguísticos posteriores⁸: diferentes níveis de intensidade de contacto com o português⁹, mas também cada vez mais com o inglês e o francês, línguas de maior prestígio social e mais funcionais, que pode originar o processo de descrioulização, isto é, perda por parte do crioulo da sua autonomia estrutural, lexical e semântica devido à entrada de neologismos e estrangeirismos.¹⁰ Este processo é mais característico das cidades onde se pode observar um contínuo de variedades diastráticas. A forma basiletal do crioulo é usada por crioulófonos monolingues e, por não ter recebido influências notórias do português, conserva a estrutura morfossintática que o crioulo adquiriu ao se afirmar e se autonomizar face às línguas que estão na sua origem. É a forma que, além da tradição oral, mais facilmente se pode encontrar na poesia, como, por exemplo, no livro titulado *Noti* de Kaoberdiano Dambará (Alamada Duarte, 2003:181). Adquirindo traços linguísticos próprios do português, pode transformar-se em mesoleto, código muitas vezes encontrado na prosa dos autores bilingues e na fala das pessoas com a mesma característica linguística. Se a influência do português for ainda maior, pode falar-se de acroleto, uma variedade do crioulo profundamente modificada em termos morfossintáticos e lexicais. Assim, é o basileto a forma mais “pura” do crioulo, o chamado “crioulo fundo”¹¹, que ainda se pode encontrar em várias localidades da ilha de Santiago onde se mantém um certo conservadorismo linguístico, sobretudo nas zonas rurais mais isoladas. Mesmo assim, “é bastante difícil encontrar falantes monolingues que

7 A ilha de Santiago foi povoada com escravos oriundos da costa ocidental africana e com colonos do norte de Portugal, e a ilha de São Vicente, por sua vez, com habitantes das outras ilhas (por exemplo, de Santiago, com um crioulo já consolidado, e de Santo Antão e São Nicolau), dos Açores e do Portugal continental (Delgado, 2009:105-106). O crioulo de Santiago contribuiu então para a formação das variantes das outras ilhas mas a variante do Barlavento ficou muito mais influenciada pelo português.

8 Ver a lista de fatores que têm determinado a evolução do crioulo proposta por Veiga (1982: 32-33).

9 Cf. António Carreira *apud* Almada Duarte (2003:87-88): «[...] no século XVII (e grande parte do século XVIII) houve um verdadeiro êxodo de “homens brancos”, nesse período já mais “homens de posses ou de “teres” que de “qualidade”, para os rios da Guiné, fugindo ao cerco económico imposto pela série de leis restritivas das atividades mercantis, chegando a população de Santiago a ficar reduzida a “pouco mais de 20 homens brancos [...] a imigração branca (forçada) tomou maior vulto apenas no séc. XIX. Isso quer dizer que, durante quatro séculos, o elemento africano foi largamente preponderante no processo de formação da sociedade cabo-verdiana».

10 Dulce Pereira (*apud* Delgado, 2009:109) defende que este fenómeno começou no século XIX com o povoamento de São Vicente onde muitos termos africanos caíram em desuso devido à generalização do ensino em português e ao desprestígio do crioulo, proibido na administração pública.

11 O chamado “crioulo leve” é típico da ilha de São Vicente, à versão acroleto, mais aportuguesada.

mantenham intatas as estruturas linguísticas nucleares do crioulo cabo-verdiano” (Almada Duarte, 2003:55).

Como se pode ver, então, as divergências observadas entre as ilhas devem-se a um conjunto de fatores geográficos e sociais, ao esquema e à época de formação, às línguas que contribuíram ao seu surgimento, à intensidade do contacto com o português e às migrações.

3. Representação ortográfica do basileto santiaguense

As línguas crioulas costumam ser classificadas como sistemas maioritariamente orais o que, como afirma Dulce Almada Duarte (2003: 26, 123-124)¹², não pode ser razão do seu desprezo, já que todas as línguas do mundo passaram por uma fase de exclusiva oralidade. No caso do *kabuverdiano*, as primeiras tentativas de registo escrito datam do século XIX (Almada Duarte, 2003:169).¹³ Seguem-nas diferentes propostas de standardização ortográfica que oscilam entre a escrita etimológica e a fonológica sem que se elabore uma versão final e comum para todas as ilhas do arquipélago.¹⁴ A escrita é uma convenção que precisa de ser bem recebida pelos futuros utentes. O caso de Cabo Verde prova a complexidade do problema de padronização ortográfica, já que implica não só considerações linguísticas mas também sociológicas, psicológicas, políticas, pedagógicas e até económicas. Assim, temos de realçar que o objeto da nossa

12 Cf. os testemunhos de António Pusich, José Conrado Chelmichi, Francisco Adolfo Varnhagen e José Joaquim Lopes de Lima, citados pela mesma autora, acerca do estatuto do crioulo no século XIX: “A língua que usam é um ridículo crioulo, diferente em cada ilha na pronúncia, e em muitos termos, sendo como vergonha entre eles, e mui particularmente entre as mulheres, o falarem e o usarem o idioma do Reino. [...] são apenas os filhos de Portugal que ainda falam a língua portuguesa; e, mesmo estes, acostumam-se logo à ridícula linguagem do país, geralmente usada e chamada a língua crioula, idioma o mais perverso, corrupto e imperfeito, sem construção, sem gramática, e que se não pode escrever [...] gíria ridícula, composto monstruoso de antigo português e das línguas da Guiné, que aquele povo tanto preza, e os mesmos brancos se comprazem a imitar [...]. A língua portuguesa pura é por um hábito inexplicável desusada no trato familiar [...] substituíram-lhe uma algaravia mestiça de termos africanos e português antiquado [...] pronunciado velozmente com terminações guturais [...] sem gramática, nem regras fixas, e que varia de ilhas para ilhas”.

13 As primeiras obras linguísticas dedicadas ao crioulo são *Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América* de Francisco Adolfo Coelho, de 1880, e *Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago* escritos por António de Paula Brito em 1885 e publicados em 1888.

14 Almada Duarte (2003:169-170) afirma até que o crioulo tem sido escrito, desde há mais de um século, como um verdadeiro idioleto, segundo o bel-prazer daqueles que experimentam a necessidade de o fazer, indicando como as possíveis razões desta situação o seu estatuto como língua dominada e a sua ausência no processo de escolarização.

análise não é uma grafia padronizada de uma língua escrita mas uma das propostas de registo de uma língua que, apesar de ser maioritariamente oral, chegou a ser utilizada em várias produções intelectuais, como poesia lírica, contos ou crónicas.¹⁵

Na obra produzida antes da independência nacional observa-se o uso exclusivo da grafia etimológica que em prática consiste na aplicação da ortografia do português para registar, muitas vezes de uma forma imprecisa, os fonemas do crioulo. Por um lado, une o cabo-verdiano com uma língua de maior prestígio mas, por outro, implica a sua subordinação diacrónica, sem fornecer instrumentos para representação de todas as variedades insulares (Almada Duarte, 2003: 187-194).¹⁶ É a chamada escrita tradicional, de escassa sistematicidade e pouco económica, pois para o mesmo fonema existem vários grafemas, refletindo muitas vezes marcas regionalistas da proveniência do autor. Após o primeiro colóquio linguístico realizado em Cabo Verde em abril de 1979, conhecido como Colóquio do Mindelo, alguns autores, na sua maioria de Santiago, começaram a servir-se do alfabeto fonológico (Almada Duarte, 2003:174). Este sistema tem como principal objetivo a preservação da autonomia fonética do crioulo, afastando a sua ortografia da escrita portuguesa e diminuindo o perigo de descrioulização. Escolheu-se a variante de Santiago¹⁷ para elaboração de um alfabeto (o chamado “alfabeto do chapéu”) no qual cada grafema corresponde a um fonema e cada fonema a um grafema, sendo, portanto, a relação entre grafemas e fonemas biunívoca.¹⁸ Recomenda-se a adaptação dos grafemas do IAI (alfabeto do Instituto Africano Internacional), uma adaptação do IPA (Alfabeto Fonético Internacional). Em consequência, o alfabeto crioulo contém 5 vogais orais: a, e, o, i, u; 5 vogais nasais: an, en, on, in, un; e 20 consoantes: b, s, d, f, g, ž, j, l, Ĩ, m, n, n^, p, k, r, t, v, š, ç, z, sendo o ^ sinal diacrítico de palatalização.¹⁹ Como uma proposta nova, o alfabeto fonológico era para ser debatido pela população bilingue, o que nunca aconteceu. O sistema não se

15 Veja-se a lista dos textos publicados em crioulo em Almada Duarte (2003:171-179).

16 A autora alude, entre outros, ao exemplo do *e* final pronunciado em Santiago como [i], o que resultaria na seguinte representação fonológica: *sodadi, parenti, noti*; e etimológica: *sodade, parente, note*. Neste último caso, nota-se uma tendência à descrioulização pois as diferenças de carácter fonológico não são relevantes.

17 Cf. Almada Duarte (2003:193-194): a variante de Santiago foi escolhida por ter o maior número de falantes, por ter conservado melhor o vocalismo dos étimos, por ter menos casos de morfofonologia e por razões sócio-políticas e culturais, como a sua proximidade do crioulo da Guiné-Bissau. Cf. também Veiga (1982:21).

18 Esta relação não se observa na escrita etimológica na qual temos, por exemplo, quatro representações gráficas do fonema [s]: *s, c (+ e, i), ç* ou *ss*; ou quatro realizações fonológicas do grafema *s*: [s], [z], [ʒ] e [ʃ].

19 A correspondência das consoantes do alfabeto etimológico é a seguinte: *s* (*s, c, ss, ç*); *g* (*g, gu*); *ž* (*j, ge, gi*); *j* (*dj*); *Ĩ* (*lh*); *n^* (*nh*); *k* (*c, qu*); *r* (*r, rr*); *š* (*ch, s, x*); *č* (*tx*); *z* (*z, s, x*). Cf. as regras ortográficas propostas no Colóquio em Delgado (2009:339-341) e em Veiga (1982:29-50).

oficializou propulsando a manutenção da tradição etimológica. No entanto, podem se indicar alguns casos do seu uso semi-oficial (Almada Duarte, 2003:200-203).²⁰ Logo depois do Colóquio, Manuel Veiga realizou um estudo comparativo de quatro variantes do crioulo cabo-verdiano *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*, que foi publicado inteiramente em crioulo de acordo com as regras da escrita fonológica.

Em 1989, como resposta às críticas dirigidas aos dois sistemas gráficos, no Fórum Internacional da Praia apresentou-se uma proposta de alfabeto situada entre a prática tradicional e a escrita fonológica que também não chegou a ser oficializada.²¹ Em 1993, criou-se um grupo para a padronização do alfabeto que, tomando em consideração tanto fatores linguísticos como sociolinguísticos, apresentou o ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano), que visava juntar os dois modelos, o etimológico e o fonológico, isto é, a economia e o fator histórico. De acordo com as suas regras, cada som corresponde a um símbolo e todas as letras são de base latina.²² Constatou-se também que, no futuro, seria preciso criar dois alfabetos interdialetais para cada grupo de ilhas. O ALUPEC despertou várias controvérsias, por exemplo relativamente à introdução de alguns sons ou às regras de acentuação mas acabou por ser aprovado através da lei, em 1998, como suficientemente capaz de encontrar soluções para um país de multiplicidade de variantes.

Na sua obra de ficção *Oju d'Agu*, publicada pela primeira vez em 1987, Manuel Veiga optou pelo basileto registado com o alfabeto do Mindelo.²³ No entanto, na edição de 2009 seguem-se as modificações introduzidas pelo ALUPEC, visíveis já no título da obra – *Odju d'Agu*.²⁴ Por conseguinte, podem-se observar as seguintes transformações que sofre a oralidade ao ser registada na escrita:

3.1 Sistema vocálico e consonântico²⁵

Adotam-se alguns ajustamentos relativamente à escrita etimológica. O chamado sistema de “chapéu de	<i>dja</i> (já) ²⁷ ; <i>txigaba</i> (chegava); <i>djunta</i> (juntar); <i>jiradisku</i> (gira-discos); <i>katxor</i> (cachorro); <i>midju</i> (milho); <i>vijaji</i> (viagem);
--	---

20 A autora menciona também alguns casos de uso das duas grafias ao mesmo tempo, como *Na Kantar di Sol* de Euricles Rodrigues (1991).

21 Cf. a lista das modificações propostas no Fórum da Praia em Almada Duarte (2003:202-204) e Veiga (2000a:12-15).

22 Cf. as regras ortográficas do ALUPEC em (Delgado, 2009:343-366) e Veiga (2000a:15-17).

23 Porém, o próprio Manuel Veiga (2000c:263) afirma que a escrita é apenas um meio e não um fim; um sistema arbitrário de transferenciada linguagem oral, o seu suporte subsidiário.

24 Cf. http://www.nhaterra.com.cv/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=1005 (15.09.2015)

25 Nesta parte, seguem-se as regras descritas em Delgado (2009:342-367).

<p>palatalização” fica modificado pela introdução dos símbolos <i>tx</i> (pelo <i>tch</i> etimológico e <i>ê</i> do alfabeto do Mindelo), <i>dj</i>, <i>nh</i>, <i>x</i>, <i>j</i> e <i>lh</i>.²⁶Recuperaram-se, portanto, muitos palatais etimológicos, alguns com simplificações (dígrafo pelo trígrafo, como o <i>tx</i> pelo <i>tch</i>)</p>	<p><i>fidju</i> (filho); <i>murutxa</i> (murchar); <i>dinheru</i> (dinheiro); <i>ta intxiba</i> (enchia-se); <i>matxicadu</i> (machucado); <i>xanpanhi</i> (champanhe); <i>kunpanheru</i> (companheiro); <i>sinhor</i> (senhor); <i>diriji-nos</i> (dirigir-nos); <i>ralijozu</i> (religioso); <i>nha</i> (meu/minha); <i>txon</i> (chão); <i>intilijenti</i> (inteligente); <i>txeu</i> (cheio); <i>dirijenti</i> (dirigente); <i>jestikulaba</i> (gesticulava); <i>jente</i> (gente); <i>imajiná</i> (imaginar); <i>kaminhu</i> (caminho); <i>mantxa</i> (mancha); <i>burgónha</i> (vergonha); <i>trabadja</i> (trabalhar); <i>jéstu</i> (gesto); <i>matxu</i> (macho); <i>mudjer</i> (mulher); <i>unha</i> (unha); <i>Rejina</i> (Regina); <i>burmedju</i> (vermelho); <i>kanpainha</i> (campainha); <i>djustisa</i> (justiça); <i>rijimi</i> (regime); <i>txobe</i> (chover); <i>txuba</i> (chuva); <i>kumunhan</i> (comunhão); <i>txiga</i> (chegar); <i>koraji</i> (coragem); <i>paxon</i> (paixão); <i>atxa</i> (achar); <i>intxi</i> (encher); <i>txupa</i> (chupar); <i>konsedja</i> (aconselhar); <i>tosinhu</i> (toucinho); <i>lonji</i> (longe); <i>kexa</i> (queixa); <i>paxon</i> (paixão); <i>txera</i> (cheirar); <i>txora</i> (chorar); <i>sunha</i> (sonhar); <i>bédjus</i> (velhos); <i>fulha</i> (folhar); <i>fixon</i> (feijão); <i>grexa</i> (igreja)</p>
<p>Conservam-se algumas outras letras da escrita etimológica (<i>s</i>, <i>g</i>, <i>z</i>), na maior parte dos casos com o valor de biunivocidade que não possuíam antes. Os sons [s] e [z] têm uma representação <i>s</i> e <i>z</i>, respetivamente, mas podem observar-se raras hesitações ortográficas na representação do <i>s</i> com o <i>x</i> e na representação do [z] com o <i>s</i></p>	<p><i>algen</i> (alguém); <i>kabésa</i> (cabeça); <i>pozison</i> (posição); <i>prisizamenti</i> (precisamente); <i>sigi</i> (seguir); <i>sértu</i> (certo); <i>sivilizason</i> (civilização); <i>sukri</i> (açúcar); <i>sédu</i> (cedo); <i>rasebe</i> (receber); <i>sen</i> (sem); <i>nase</i> (nacer); <i>sénpri</i> (sempre); <i>koza</i> (coisa); <i>isu</i> (isso); <i>klasi</i> (classe); <i>selebra</i> (celebrar); <i>izami</i> (exame); <i>prizidenti</i> (presidente); <i>abundansa</i> (abundância); <i>atenson</i> (atenção); <i>múzika</i> (música); <i>dizafinadu</i> (desafinado); <i>forsa</i> (força); <i>sivil</i> (civil); <i>injustisa</i> (injustiça); <i>izénplu</i> (exemplo); <i>diziguldadi</i> (desigualdade); <i>diféza</i> (defesa); <i>siénsa</i> (ciência); <i>bosê</i> (você); <i>ningen</i> (ninguém); <i>konsigi</i> (conseguir); <i>raspirason</i> (respiração); <i>satisfase</i> (satisfazer); <i>liseu</i> (liceu); <i>kuazi</i> (quase); <i>buluza</i> (blusa); <i>atrazu</i> (atraso); <i>dezusper</i></p>

27 Todos os exemplos citados provêm do romance de Manuel Veiga, *Odju d’Agu*, edição de 2009, pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, na cidade da Praia (páginas 9-31).

26 Cf. Veiga (1982:37): Os sons representados antigamente por *ê* e *ê*, e agora por *tch* e *dj*, podem ser resultado da influência do substrato africano ou, no primeiro caso, do português antigo. “Segundu opinion di êeu algen (Baltasar Lopes, Dulce Duarte, Rosine Santos) tudu palavra ki na purtuges arkaiku ta skrebada ch y ta prununsiada ê kontinua ê na kriolu, inbóra ivuluson diakróniku di purtuges transforma tudu kazu di ch (ê) antigo na ch (ê)”.
 27

	(desespero); <i>okazion</i> (ocasião); <i>présa</i> (pressa); <i>izistiba</i> (existia); <i>izisténsia</i> (existência); <i>brasu</i> (braço) <u>mas</u> : <i>xintadu</i> (sentado); <i>fase</i> (fazer); <i>kasa</i> (casa); <i>xinti</i> (sentir); <i>paxénxa</i> (paciência); <i>nxina</i> (ensinar); <i>rikésa</i> (riqueza)
A letra k passa a representar o fonema [k] em todos os contextos ²⁸	<i>ki</i> (que); <i>fika</i> (ficar); <i>kai</i> (cai); <i>ken</i> (quem); <i>makaku</i> (macaco); <i>kuazi</i> (quase); <i>skina</i> (esquina); <i>fraku</i> (fraco); <i>kustumadu</i> (acostumado); <i>ku</i> (com); <i>kré</i> (querer); <i>kumida</i> (comida); <i>sukri</i> (açúcar); <i>kuarta</i> (quarta), <i>klasi</i> (classe); <i>kel</i> (aquele); <i>riku</i> (rico); <i>Áfrika</i> (África); <i>kanpu</i> (campo); <i>kintal</i> (quintal); <i>branku</i> (branco); <i>pur kauza di kanpanha</i> (por causa da campanha); <i>kai</i> (cair); <i>elokuenti</i> (eloquente); <i>kaba</i> (acabar); <i>béku</i> (beco); <i>skuridon</i> (escuridão); <i>porku</i> (porco); <i>diklara</i> (declarar); <i>koraji</i> (coragem); <i>kazaku</i> (casaco); <i>kinhentus</i> (quinhentos); <i>kexa</i> (queixar)
O e mudo não se regista ou é substituído pelo i . Este fenómeno pode-se observar raramente na terminação nasal -em .	<i>dizénbru</i> (dezembro); <i>ki</i> (que); <i>tardi</i> (tarde); <i>ignoranti</i> (ignorante); <i>parti</i> (parte); <i>xanpanhi</i> (champanhe); <i>krimi</i> (crime); <i>idadi</i> (idade); <i>di</i> (de); <i>pidi</i> (pedir); <i>dizigualdade</i> (desigualdade); <i>stranhamenti</i> (estranhamente); <i>bistidu</i> (vestido); <i>filisidadi</i> (felicidade); <i>dinati di</i> (diante de); <i>diklara</i> (declarar); <i>antis di</i> (antes de); <i>xinti</i> (sentir); <i>izatamenti</i> (exatamente); <i>entritanto</i> (entretanto); <i>ómi</i> (homem)
O verbo ser na terceira pessoa do singular (<i>é</i> ou <i>ê</i> etimológicos; <i>e</i> no alfabeto do Mindelo) acaba por ter a forma de é (com o acento gráfico discutível por causa da perda da sua função distintiva)	<i>sumóla é na Grexa</i> (a esmola é na igreja); <i>si raspósta é sênpri omésma koza</i> (a sua resposta é sempre a mesma); <i>tudo é fésta, é alegria</i> (tudo é festa, é alegria); <i>kauberdianu é negru</i> (cabo-verdiano é negro); <i>es koza é mute inportante</i> (esta coisa é muito importante); <i>kuzé ki é lei</i> (o que é que é lei)
A nasalização continua a ser marcada pelo n e nunca pelo m O N representa convencionalmente o pronome da primeira pessoa do singular Observam-se raras hesitações na representação do ditongo -ão e poucos casos de manutenção do til e de perda da	<i>dizénbru</i> (dezembro); <i>ténpu</i> (tempo); <i>kunpra</i> (comprar); <i>ken</i> (quem); <i>anton</i> (então); <i>ninhun</i> (nenhum); <i>idukason</i> (educação); <i>nporta</i> (importar); <i>sênpri</i> (sempre); <i>ten</i> (tem); <i>fixon</i> (feijão); <i>algen</i> (alguém); <i>kunpanheru</i> (companheiro); <i>pavon</i> (pavão); <i>gratidon</i> (gratidão); <i>jardin</i>

28 Cf. Doneux (2000:153): A decisão de introduzir a letra k no alfabeto de Cabo Verde despertou muita polémica, por vezes “de caráter extremamente emocional. Pouco faltou para se ter feito disso um símbolo nacionalista”. No entanto, o autor defende a sua presença como um elemento analógico à grafia de muitas línguas africanas, que pode favorecer a uniformização.

<p>nasalidade na terminação - <i>em</i></p>	<p>(jardim); <i>txon</i> (chão); <i>kunpridu</i> (comprido); <i>inportante</i> (importante); <i>tenporal</i> (temporal); <i>raspirason</i> (respiração); <i>linpaba</i> (limpaba); <i>pon</i> (pão); <i>lenbra</i> (lembrar); <i>non</i> (não); <i>izénplu</i> (exemplo); <i>bon</i> (bom); <i>pulmanhan</i> (pela manhã) <i>N ka sa ta konta</i> (eu não estou a contar); <i>N sta odjá</i> (eu estou a olhar); <i>N prifiri ser labrador di txon</i> (eu prefiro ser lavrador de chão) <u>mas</u>: <i>mãi</i> (mãe); <i>perdisãu</i> (perdição); <i>skuridãu</i> (escuridão); <i>kumunhan</i> (comunhão); <i>tanbe</i> (também); <i>aonte</i> (ontem)</p>
<p>A vibrante simples e múltipla continuam com a mesma representação <i>r</i>, já que os falantes do Sotavento, sobretudo do crioulo basiletal, não fazem esta distinção ao nível da oralidade</p>	<p><i>buru</i> (burro); <i>téra</i> (terra); <i>interogason</i> (interrogação); <i>bariga</i> (barriga); <i>sigaru</i> (cigarro); <i>korenti</i> (corrente); <i>karu</i> (carro); <i>tereru</i> (terreiro); <i>móre</i> (morrer); <i>porada</i> (porrada); <i>géra</i> (guerra)</p>
<p>O b continua a ter maior número de ocorrências do que o <i>v</i>²⁹</p>	<p><i>obi</i> (ouvir); <i>bida</i> (vida); <i>nobidadadi</i> (novidade); <i>bira</i> (virar); <i>baka</i> (vaca); <i>kabalu</i> (cavalo); <i>uba</i> (uivar); <i>burgónha</i> (vergonha); <i>Kauberdi</i> (Cabo Verde); <i>bara berdi</i> (vara verde); <i>bá</i> (vai); <i>burmedju</i> (vermelho); <i>burgónha</i> (vergonha); <i>labanta</i> (levantar); <i>baleba</i> (valia); <i>trabesa</i> (atravessa); <i>bês</i> (vez); <i>talbês</i> (talvez); <i>raiba</i> (raiva); <i>txuba</i> (chuva); <i>labrador</i> (lavrador); <i>debeba</i> (devia); <i>kutubélu</i> (cotovelo); <i>bistiba</i> (vestia) <u>mas</u>: <i>movimentu</i> (movimento); <i>sivilizason</i> (civilização); <i>vive</i> (viver); <i>governador</i> (governador); <i>kabuverdianu</i> (cabo-verdiano); <i>palavra</i> (palavra); <i>gravata</i> (gravata); <i>salva</i> (salvar); <i>pavon</i> (pavão); <i>divagarinhu</i> (devagarinho); <i>povu</i> (povo); <i>duvida</i> (duvidar)</p>
<p>Os ditongos reduzem-se na maior parte dos casos</p>	<p><i>obi</i> (ouvir); <i>roku</i> (rouco); <i>dinheru</i> (dinheiro); <i>noti</i> (noite); <i>koza</i> (coisa); <i>sekretáru</i> (secretário); <i>poku</i> (pouco); <i>dotorado</i> (doutorado); <i>baxu</i> (baixo); <i>dexa</i> (deixa); <i>dipôs</i> (depois); <i>paxon</i> (paixão); <i>otus</i> (outros); <i>propretáriu</i> (proprietário); <i>kunpanheru</i> (companheiro); <i>mute</i> (muito); <i>asnera</i> (asneira); <i>stranjeru</i> (estrangeiro) <u>mas</u>: <i>aniversáriu</i> (aniversário); <i>inpériu</i></p>

29 Cf. Veiga (2000a:36): Verifica-se uma maior presença do *v* nas variantes com mais contacto com o português, em empréstimos mais recentes ou termos científicos, nos meios urbanos e nos idioletos dos estudantes. No entanto, para unificar o sistema, aconselha-se o uso do *b*.

	(império); <i>interogatóriu</i> (interrogatório); <i>izisténsia</i> (existência); <i>kuarta</i> (quarta); <i>féria</i> (férias)
Eliminação do h mudo	<i>óra</i> (hora); <i>ómi</i> (homem); <i>ónra</i> (honra); <i>onéstu</i> (honesto); <i>órta</i> (horta)
Observam-se hesitações ortográficas	<i>mosinhu</i> / <i>moxinhu</i> (mocinho); <i>jente</i> / <i>gentis</i> (gente); <i>koza</i> / <i>kusa</i> (coisa); <i>kasa</i> / <i>kaza</i> (casa); <i>Kabuverdi</i> / <i>Kauberdi</i> / <i>Kabeverde</i> (Cabo Verde); <i>kauberdianu</i> / <i>kabuverdianu</i> / <i>kabeverdiane</i> (cabo-verdiano); <i>salba</i> / <i>salva</i> (salvar); <i>spese</i> / <i>spésia</i> (espécie); <i>mãi</i> / <i>mai</i> (mãe); <i>non</i> / <i>nau</i> (não); <i>bariga</i> / <i>barriga</i> (barriga); <i>fuska-fuska</i> / <i>fuskafuska</i> (o lusco-fusco); <i>pur izénplu</i> / <i>prizénplu</i> (por exemplo)
Epêntese de um i para separar grupos consonânticos (fenómeno presente na realidade linguística brasileira)	<i>abisentista</i> (absentista); <i>diginidadi</i> (dignidade); <i>diministrador</i> (administrador)
Elipse do e protético	<i>e staba stendedu</i> (ele estava estendido); <i>skóla</i> (escola); <i>ta stranhaba</i> (estranhava); <i>spese</i> (espécie); <i>skese</i> (esquecer); <i>stranhamenti</i> (estranhamente); <i>nforka</i> (enforcar); <i>spiritisme</i> (espiritismo); <i>nbarasadu</i> (embaraçado); <i>sukuru</i> (escuro); <i>skina</i> (esquina); <i>skada</i> (escada); <i>skritu</i> (escrito); <i>nganadu</i> (enganado); <i>splorason</i> (exploração); <i>ngorda</i> (engordar); <i>sprimi</i> (exprimir); <i>spritu</i> (espírito); <i>speransa</i> (esperança); <i>stikadu</i> (esticado); <i>spanta</i> (espantar); <i>stranjeru</i> (estrangeiro)

3.2 Acentuação³⁰

Na maior parte, as palavras foram definidas como paroxítonas , sendo o uso do acento gráfico desnecessário	<i>kultura</i> (cultura); <i>korpu</i> (corpo); <i>bistidu</i> (vestido); <i>prizidenti</i> (presidente); <i>kumunismu</i> (comunismo); <i>kunfiadu</i> (confiado)
O e e o o abertos são sempre acentuados em qualquer contexto por causa do menor rendimento funcional	<i>dizénbru</i> (dezembro); <i>pórta</i> (porta); <i>rulójiu</i> (relógio); <i>dór</i> (dor); <i>ténpu</i> (tempo); <i>óra</i> (hora); <i>stória</i> (estória); <i>kabésa</i> (cabeça); <i>róda</i> (roda); <i>sédu</i> (cedo); <i>kórda</i> (corda); <i>raspósta</i> (resposta); <i>déntu</i> (dentro); <i>fómi</i> (fome); <i>éra</i> (era); <i>prétu</i> (preto); <i>ómi</i> (homem); <i>mésmu</i> (mesmo)
As palavras proparoxítonas são acentuadas	<i>Áfrika</i> (África); <i>sétimu</i> (sétimo); <i>patriótiku</i> (patriótico); <i>úniku</i> (único); <i>teolójiku</i> (teológico); <i>lójika</i> (lógica);

30 Cf. Delgado (2009:356-367) e Veiga (2000b:197).

	<i>múzika</i> (música); <i>kósmiku</i> (cósmico)
Em Santiago, o acento não se coloca nas formas verbais . Observam-se raras exceções	<i>nase</i> (nascer); <i>kria</i> (criar); <i>rasebe</i> (receber); <i>skese</i> (esquecer); <i>nforka</i> (enforçar); <i>fase</i> (fazer); <i>rusponde</i> (responder); <i>troka</i> (trocar) <u>mas</u> : <i>devê</i> (dever); <i>xicotiâ</i> (chicotar); <i>diportâ</i> (deportar); <i>odjâ</i> (olhar); <i>ruspeitâ</i> (respeitar); <i>imajiná</i> (imaginar); <i>falá</i> (falar)
O apóstrofo , que assinalava a elisão de letras, representando fielmente a oralidade e evitando alguns encontros de consoantes, devia ser substituído pelo <i>e</i> mudo, o que não se observa no nosso corpus	<i>e ka sabe kus'ê ki é fômi</i> (não sabe o que é fome); <i>oxi N ka'ra dotor y nha pai ka éra riku</i> (hoje eu não era doutor nem o meu pai era rico); <i>bo skesê d'moral</i> (tu esqueces-te da moral); <i>d'aonte</i> (de ontem); <i>n' el</i> (nele/nela); <i>brinká k'un koza k'é sagróde</i> (brincar com uma coisa que é sagrada)
O hífen usa-se na ligação do verbo com o pronome do objeto, de alguns advérbios de lugar com pronomes, em pronomes demonstrativos compostos e na formação de novos conjuntos semânticos	<i>fla-l</i> (falar-lhe); <i>fla-m</i> (falar-me); <i>purgunta-nhos</i> (perguntar-nos); <i>dexa-l</i> (deixar-lhe); <i>mamai di-meu</i> (a minha mãe); <i>bô-noiti</i> (boa noite); <i>es gentis-li</i> (essa gente ali); <i>ngana-u</i> (enganá-lo); <i>unde-u</i> (onde estás tu); <i>kér-dizer</i> (quer dizer); <i>kel-li</i> (aquele ali); <i>ka-u duvida</i> (não duvide); <i>lus fuska-fuska</i> (o lusco-fusco); <i>pónta-pé</i> (pontapé)
Divergências na acentuação	<i>vive / vivê</i> (viver); <i>bá / ba</i> (vai); <i>bés / bês</i> (vez)

4. Alguns traços morfossintáticos³¹

Abandono parcial da marcação do género , desconhecido nas línguas africanas. Marcação arbitrária do sexo por construções perifrásticas. No crioulo basiletal, o sexo é menos evidente nos substantivos inanimados (prevalece a forma masculina) ³² . Observam-se raros casos de concordância de género, mais típicos no caso das ilhas de Barlavento	<u>un</u> <i>bês</i> (uma vez); <u>un</u> <i>skóla</i> (uma escola); <u>un</u> <i>viaji</i> (uma viagem); <i>ku vós roku</i> (com uma voz rouca); <i>saúdi fraku</i> (saúde fraca); <i>koza k'é sagróde</i> (coisa que é sagrada); <i>koxa rodonda</i> (coxa redonda); <i>karni salgadu</i> (carne salgada); <i>stréla burmedju</i> (estrela vermelha); <i>purmeru kusa</i> (a primeira coisa); <i>es interogason</i> (esta interrogação); <i>es momentu</i> (esse momento); <i>kel skolinha</i> (aquela escolinha); <i>kel dia</i> (aquele dia); <i>nha fidju</i> (o meu filho); <i>nha genti</i> (a minha gente); <i>si diplóma</i> (o seu diploma); <i>si kabésa</i> (a sua cabeça); <u>otu</u>
--	--

31 Cf. Santos (2000:178-187).

32Cf. Delgado (2009:268-269, 278): Principalmente na ilha de Santiago, onde ainda sobrevivem os vestígios do crioulo basiletal, o género não tem qualquer pertinência funcional no sistema de comunicação. Nos meios urbanos, onde se observam os efeitos do processo de descrioulização, é mais frequente a atualização da marcação do género.

	<p><i>okazion</i> (outra ocasião); <i>un fidju matxu</i> (um filho macho) <i>mas: mudjer bunita</i> (mulher bonita)</p>
<p>Perda parcial das oposições de número. Diferentes maneiras da sua marcação (adjetivo de quantidade, um numeral, um pronome, um coletivo ou, simplesmente, o contexto)³³</p> <p>Em Santiago, não são raros os casos de substantivo flexionável com determinante na sua forma básica.</p>	<p><i>tudu mininu</i> (todos os meninos); <i>tudu nhas koléga</i> (todos os nossos colegas); <i>odja ku si própi odju</i> (ver com os seus próprios olhos); <i>18 anu di idadi</i> (18 anos de idade); <i>nos é branku</i> (nós somos brancos); <i>tude spese de mikrobe</i> (todas as espécies de micróbios); <i>nos tudu</i> (nós todos); <i>três bês</i> (três vezes) <i>bus mudjer / bu mudjeris</i> (tuas mulheres); <i>gentis grandi</i> (gente grande); <i>txeu gentis</i> (muita gente); <i>tudu mosinhos</i> (todos os mocinhos); <i>kolégas kontenti</i> (colegas contentes); <i>ideias komunista</i> (ideias comunistas), <i>ses porku</i> (os seus porcos)</p>
<p>Inexistência do artigo definido. Determinação do substantivo por um demonstrativo. Uso dos artigos indefinidos com a prevalência da forma masculina</p>	<p><i>Sigi vós di Papai-Grandi</i> (seguir a voz do Papai-Grande); <i>ta kortaba kel silénsiu</i> (cortava o silêncio); <i>e ka gosta di livru</i> (ele não gosta dos livros); <i>nha genti</i> (a minha gente); <i>tudu tripa di bariga</i> (todas as tripas da barriga) <i>un bês</i> (uma vez); <i>un stória</i> (uma estória); <i>un figura</i> (uma figura); <i>un koza</i> (uma coisa); <i>un skóla</i> (uma escola); <i>nun faísca</i> (numa faísca)</p>
<p>Ausência da flexão verbal e a resultante impossibilidade de omissão do sujeito. Os verbos reduzem-se à forma do infinitivo com apócope do -r, com exceção dos verbos <i>ter</i>, <i>vir</i> e <i>ir</i> Sistema verbal com morfemas auxiliares que indicam o tempo e o aspeto (privilegiado, como nas línguas africanas)</p>	<p><i>N ka tene pa N troka-nho ku muéda</i> (eu não tenho troco); <i>Es vós éra di si netinhu</i> (essa voz era do seu netinho); <i>es ben fla-m</i> (vêm dizer-me); <i>e teneba gana di bai</i> (ele tinha vontade de ir); <i>foi si ki nhu Pilonkan bira propretáriu</i> (foi assim que o senhor Pilonkan se tornou proprietário); <i>nu ten ki fase tudo</i> (nós temos que fazer tudo); <i>ka foi inútil</i> (não foi inútil) <i>ta kustumaba djunta</i> (costumaria juntar); <i>ku vós roku y ta treme</i> (com a voz rouca e tremendo); <i>sa ta jestikulaba</i> (estava a gesticular); <i>dja daba el dja</i> (já tinha dado)</p>
<p>Inexistência de formas verbais para indicar o conjuntivo. Morfemas modais <i>ma</i> (introduz orações que expressam situações factuais) e <i>al</i> (equivalente a <i>haver de</i> em enunciados hipotéticos)</p>	<p><i>Se bosé repará drete</i> (se você reparar bem); <i>si N sabeba ta fika só</i> (se eu soubesse que estava a ficar sozinho); <i>mésmo ki txuba ta txobe</i> (mesmo que chova); <i>nos profesor kontanu ma un bês gentis grandi</i> (o nosso professor contou-nos [que] uma vez gente grande); <i>kusé ki N</i></p>

33 Estas modificações no sistema nominal são resultado da influência dos sistemas de classes nominais africanos.

	<i>al fase ku nha fidju?</i> (o que hei de fazer com o meu filho?); <i>e al konsigi djunta dinheru</i> (ele há de conseguir juntar o dinheiro)
Reduplicação , muitas vezes com traços onomatopaicos, que sugere origem ou influência africana e tem, na maioria dos casos, função enfática	<i>lus fuskafuska</i> (uma luz muito escura); <i>tudu éra flanflan</i> (tudo abundava); <i>djardjarido</i> (nervoso); <i>e motxuka-l motxóku</i> (ele machuca-o machucado); <i>Ntóni ba ta matxi-matxi</i> (o António ia comportar-se como macho)
Emprego da forma verbal não marcada desde que o aspeto e o tempo sejam marcados no primeiro verbo	<i>Rulójiu sa ta markaba 15h12 kantu Palu obi algen</i> (O relógio estava a marcar 15h12 quando o Paulo ouvir [ouviu] alguém); <i>foi si ki nhu Pilonkan bira propretáriu</i> (foi assim que o senhor Pilonkan virar [se tornou] proprietário)
Emprego do e (variante contextual de <i>el</i>) como pronome pessoal <i>ele/ela</i>	<i>e staba stendedu</i> (ele estava estendido); <i>e fla-l</i> (ele disse-lhe); <i>e ba buska</i> (ele vai buscar); <i>e ba dexa na kasa</i> (ele vai deixar em casa) <i>mas: nhos ka pode más ku el</i> (nós não podemos mais com ele); <i>Paxon?! Anton na el N krê vive</i> (Paixão?! Então nela quero viver); <i>el inda é más rigorós ki si pai</i> (ele ainda é mais rigoroso que o seu pai)
Morfema negativo ka . ³⁴ Negação dupla	<i>nha pai ka éra riku</i> (o meu pai não era rico); <i>ka baleba péna</i> (não valia a pena); <i>N ka sabe</i> (não sei); <i>mas ka-u fla-m nau</i> (não me digas não) <i>ka sa ta konpredeba nada</i> (não estava a compreender nada); <i>ka konxeba nin téra di si mai</i> (não conhecia nem a terra da sua mãe); <i>nu ka sa ta pâpia nin di moral nin di fêsta</i> (não estamos a falar nem da moral nem da festa);
Elipse da preposição , emprego facultativo ou usos atípicos	<i>txigaba kel óra</i> (chegava àquela hora); <i>dja djuntaba na el</i> (já se juntava a ele); <i>xintadu na si moxihu</i> (sentado com o seu mocinho); <i>déntu sol [...] déntu di agu</i> (ao sol e dentro da água); <i>ken pode obriga negru trabadja txon</i> (quem pode obrigar o negro a trabalhar muito); <i>raspirason komesa ta subi-l</i> (a respiração começa a subir-lhe); <i>Rejina torna labanta</i> (a Regina volta a levantar); <i>el txega na kaza</i> (ele chega a casa)

34 Cf. Santos (2000:178): De acordo com a autora, a etimologia que se propõe para este morfema (nunca > ka) é pouco provável pois na evolução natural de línguas não se observa a queda da sílaba tónica.

Reduplicação e contração dos pronomes com advérbios de lugar	<i>si <u>nhos nhos</u> nase la y nhos ka móre</i> (se [te]) tivesses nascido lá e se não [te] morreres); <i>ke-li</i> (aquele/aquela/aquilo ali);
Padrão reduzido dos pronomes de complementos direto e indireto . Ênclise dos complementos	<i>konta-nu</i> (contou-nos); <i>fla-l</i> (falar-lhe); <i>nu ten ki suporta-l</i> (nós temos que suportá-lo); <i>e ba ta pô-s na fila</i> (ele vai pô-lo/la na fila)
Padrão reduzido dos pronomes possessivos . Possessivos compostos que funcionam apenas como um único lexema ou que podem funcionar como lexemas independentes	<i>si pórtá</i> (a sua porta); <i>si netinhu</i> (o seu netinho); <i>nos profesor</i> (o nosso professor); <i>nos téra</i> (a nossa terra); <i>tudu nos amigu</i> (todos os nossos amigos); <i>nha pensamentu</i> (o meu pensamento); <i>ses fidju</i> (os seus filhos); <i>bu kabésa</i> (a tua cabeça); <i>e staba ku korpu di si irmon na di-sel</i> (ele estava com o corpo do seu irmão no dele);
Falta de pronomes reflexos ou usos atípicos	<i>un rapasinhú ki txomaba Zé</i> (um rapazinho que se chamava Zé) <i>si <u>nhos nhos</u> nase la y <u>nhos</u> ka móre</i> (se [te]) tivesses nascido lá e se não [te] morreres)
Importação do paradigma português de advérbios , com modificações fonéticas e casos de aglutinação	<i>di vês inkuandu</i> (de vez em quando); <i>undi</i> (onde); <i>omésmo ténpu</i> (ao mesmo tempo); <i>tudu bês ki</i> (todas as vezes que); <i>inkuantu</i> (enquanto); <i>dispôs di</i> (depois de); <i>pulmanhan</i> (pela manhã); <i>otrabês</i> (outra vez); <i>sinseramenti</i> (sinceramente), <i>dundi</i> (de onde); <i>dibaxu di</i> (debaixo de)
O morfema ku e a conjunção copulativa y como partículas de coordenação sintática	<i>bida y situason</i> (vida e situação); <i>gentis grandí ku nobu</i> (gente grande e nova); <i>téra di si mai ku pai</i> (a terra da sua mãe e do seu pai); <i>dia ku noti</i> (dia e noite)
Falta de nexos de coordenação e subordinação	<i>fladu é nos distinu</i> (diz-se [que] o nosso destino)
Construções impessoais com as formas do participípio	<i>sugundu ta fladu</i> (segundo se diz); <i>fladu é nos distinu</i> (diz-se que o nosso destino); <i>fladu nos é di Rubera Séka</i> (diz-se que somos da Ribeira Seca)
Uso do verbo ter em vez de haver	<i>ten txeu gentis</i> (há muita gente); <i>si inférnu ka ten</i> (se não há inferno)

5. Léxico

Aglutinação e composição , ou seja, síntese dos elementos do sintagma numa unidade nova	<i>kretxeu</i> (<i>kre</i> < querer + <i>txeu</i> < cheio – querer muito, bem amado). No entanto, usa-se também o termo <i>amor</i> . A palavra <i>txeu</i> aparece no corpus com o significado de ‘muito’, junto com o empréstimo português <i>mute</i> . <i>kebra-djudjun</i> (<i>kebra</i> < quebrar + <i>djudjun</i> < jejum)
--	--

Uso frequente dos chamados <i>nominhus di kaza</i> como resultado do chamado processo de duplicação ³⁵	<i>Palu do Djódja; Zé di Béba; Papai-Grandi; Djon di Mana; Xupai; Kulau; Pirnari; Pilonkan; Ntóni; Xubénga; Figinha</i>
Diminutivos como marcas de aproximação afetiva ou do desprezo por parte do falante	<i>netinhu</i> (netinho); <i>rapasinh</i> (rapazinho); <i>divagarinh</i> (devagarinho); <i>pontinha</i> (pontinha); <i>bokadinh</i> (bocadinho); <i>skolinha</i> (escolhinha); <i>Pedrinhu</i> (Pedrinho); <i>dinheirin</i> (dinheirinho)

6. Conclusões

Os traços característicos do crioulo da ilha de Santiago que acabamos de observar na obra analisada levam-nos a concluir que, apesar de serem seguidas as regras do ALUPEC, ainda se podem notar algumas hesitações quanto à ortografia ou acentuação que, neste caso, podem ser resultado do idioleto do autor. No campo da morfossintaxe ressaltam os traços distintivos da ilha, por exemplo, o sistema dos pronomes, e um certo conservadorismo, típico da variedade funda do crioulo, que já não se observa, por exemplo, em São Vicente. Feita a nossa análise, concluímos, como o faz também Dulce Almada Duarte, que o crioulo não é produto de uma deformação do português mas, antes, resultado da confrontação deste com as línguas africanas (Almada Duarte, 2003: 169). Adquiriu um grau de autonomia e funcionalidade notáveis que fazem com que seja uma ferramenta adequada para satisfazer todas as necessidades comunicativas dos seus usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia ativa:

Veiga, Manuel (2009), *Odju d’Agu*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Praia.

Bibliografia passiva:

Almada Duarte, Dulce. 2003. *Bilinguismo ou diglossia?*. Mindelo: Spleen Edições.

Delgado, Carlos Alberto. 2009. *Crioulos de base lexical portuguesa com fatores de identidades em Africa. O caso de Cabo Verde*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

35 Cf. Delgado (2009:269-273): Uma pessoa pode ser conhecida por dois nomes – pelo nome de batismo e pelo nominho de casa, ou alcunha, no âmbito de um paradigma afetivo. Vejam-se os processos de formação dos nominhos descritos pelo autor. Como se pode deduzir, as alcunhas podem ser, por exemplo, diminutivos do nome do batismo mas também podem ser resultado de decisões arbitrárias da família, não tendo nenhuma relação com o nome oficial.

Doneux, Jean. 2000. A propósito do papel dos linguístas... e dos outros na determinação da escrita duma língua. In: Veiga, M. (Org.). *I.º Colóquio Linguístico Sobre o Crioulo de Cabo Verde*. Mindelo: INIC. p. 143-155.

Leite, Ana Mafalda. 1987. “Odju d’Agu” de Manuel Veiga: uma proposta de leitura. *África. Revista de Centro de Estudos Africanos da USP*, n.º10. São Paulo: USP, p. 162-168.

Leite, Ana Mafalda. 1998. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibri.

Postioma, Adalberto da. 1968. *Filosofia Africana*. Luanda: Seminário Arquiepiscopal.

Santos, Rosine. 2000. Relações entre o crioulo e as línguas africanas. In: Veiga, M. (Org.). *I.º Colóquio Linguístico Sobre o Crioulo de Cabo Verde*. Mindelo: INIC. p. 167-187.

Veiga, Manuel. 1982. *Diskrison Strutural di Língua Kabuverdianu*. Lisboa: Plátano Editora.

Veiga, Manuel (Org.). 2000a. *I.º Colóquio Linguístico Sobre o Crioulo de Cabo Verde*. Mindelo: INIC.

Veiga, Manuel. 2000b. Estudar o crioulo é desenvolver a nossa terra. In: Veiga, M. (Org.). *I.º Colóquio Linguístico Sobre o Crioulo de Cabo Verde*. Mindelo: INIC. p. 191-199.

Veiga, Manuel. 2000c. Breves considerações sobre a escrita do crioulo. In: Veiga, M. (Org.). *I.º Colóquio Linguístico Sobre o Crioulo de Cabo Verde*. Mindelo: INIC. p. 263-275.

